



4º Congresso Brasileiro
de Ciência e Saberes
Multidisciplinares
**tudo é
ciência**
11º Encontro de Extensão
Universitária do UniFOA

**23 a 25
de outubro**

📌 Submissões abertas até 07/09

Matemática com coração: um caminho de inclusão, afeto e descobertas no ensino

Juliana Cunha de Jesus¹; 0009-0004-5294-9717

¹ – UniFOA, Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda, RJ.

juliana.jesus@foa.org.br

RESUMO: Este relato de experiência descreve uma prática pedagógica desenvolvida no ensino da Matemática com turmas do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental, em um ambiente escolar caracterizado por grande diversidade e múltiplos desafios de inclusão. A proposta teve como objetivo central promover uma aprendizagem significativa, afetiva e acessível a todos os alunos, com atenção especial àqueles com necessidades educacionais específicas — entre eles, estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), dislexia e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). A atuação pedagógica envolveu rotinas visuais e estruturadas, adaptação de materiais didáticos, metodologias ativas, uso de jogos e materiais manipuláveis. As estratégias foram planejadas com base na escuta ativa e no respeito à singularidade de cada estudante, o que gerou impactos positivos visíveis: maior participação, progresso acadêmico, autoestima fortalecida e um ambiente de sala de aula mais empático e colaborativo. Mais do que ensinar conteúdos matemáticos, a experiência revelou a potência do ensino humanizado, baseado na empatia como ferramenta de inclusão. O trabalho evidencia que, quando o professor coloca o coração em sua prática, a Matemática deixa de ser apenas um desafio lógico e se transforma em linguagem de pertencimento, confiança e superação.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Ensino de Matemática. TEA. Dislexia. TDAH. Ensino Fundamental. Matemática Afetiva. Empatia na Docência. Necessidades Educacionais Específicas. Metodologias Ativas. Aprendizagem Significativa.



INTRODUÇÃO

Ensinar Matemática para alunos do Ensino Fundamental envolve muito mais do que repassar fórmulas e procedimentos: exige escuta ativa, sensibilidade, criatividade e, sobretudo, empatia. Em contextos escolares cada vez mais diversos e desafiadores, o papel do professor vai além da transmissão de conteúdo — ele se transforma em mediador do conhecimento, promotor de vínculos e agente da inclusão. Cada estudante traz consigo histórias, ritmos e modos distintos de aprender, o que exige do educador uma postura ética, flexível e humana diante das diferenças.

Segundo Vygotsky (1991), o processo de aprendizagem ocorre na interação entre sujeito e meio, sendo potencializado quando há uma mediação significativa dentro da chamada zona de desenvolvimento proximal — um espaço onde o aluno é desafiado a avançar com o apoio do outro. Para que isso ocorra de forma eficaz, a construção do conhecimento precisa estar conectada a relações de afeto, confiança e respeito mútuo.

Além disso, autores contemporâneos como Mantoan (2021) e Aranha (2022) destacam que a educação inclusiva deve ser encarada como um direito de todos os estudantes. Isso exige uma prática pedagógica atenta às necessidades educacionais específicas, pautada pela equidade e pela valorização das potencialidades individuais. Alunos com TEA (Transtorno do Espectro Autista), dislexia ou TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), por exemplo, precisam de estratégias didáticas que ultrapassem o ensino tradicional e incorporem metodologias ativas, materiais manipuláveis e recursos personalizados que deem sentido ao processo de aprendizagem.

Neste relato de experiência, compartilha-se uma prática pedagógica desenvolvida em turmas do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental, com foco na promoção de um ensino de Matemática inclusivo, afetivo e eficaz. Por meio da escuta sensível, da adaptação das atividades e do uso de abordagens centradas no aluno, foi possível observar avanços significativos tanto no desempenho acadêmico quanto no engajamento e autoestima dos estudantes. Mais do que ensinar conteúdos, essa experiência reafirma a importância de sermos humanos de verdade dentro da sala de aula — reconhecendo



no outro não apenas um aprendiz, mas um sujeito pleno de direitos, emoções e capacidades.

RELATO DA EXPERIÊNCIA

Durante o primeiro semestre do ano letivo de 2025, atuei como professora de Matemática em três turmas regulares do Ensino Fundamental II, compostas por cerca de 35 alunos cada. Dentro desse universo, seis estudantes apresentavam necessidades educacionais específicas: três com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), dois com dislexia e um com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Essa realidade, desafiadora e rica em diversidade, exigiu um olhar atento e estratégias que respeitassem os diferentes modos de aprender — sem perder de vista a coletividade e a qualidade do ensino.

Desde o início, compreendi que mais do que ensinar conteúdos matemáticos, minha missão era acolher, ouvir com empatia e oferecer caminhos acessíveis para o aprendizado. A escuta ativa e as observações cotidianas tornaram-se minhas maiores ferramentas para construir um planejamento que considerasse não só o desempenho acadêmico, mas também os aspectos emocionais e comportamentais dos alunos.

Para os estudantes com TEA, estabeleci rotinas visuais claras e previsíveis, com linguagem objetiva e espaços organizados. A estrutura bem definida das aulas e o uso de imagens ajudaram a reduzir a ansiedade, promovendo maior autonomia e engajamento. Já para os alunos com dislexia, optei por utilizar fontes ampliadas e de alto contraste, leitura guiada, uso de cores para destacar informações importantes e recursos visuais e auditivos que facilitassem a compreensão dos conteúdos. Com o aluno com TDAH, a abordagem foi centrada em tarefas mais curtas e segmentadas, intercaladas com pausas planejadas. Reforcei positivamente cada avanço, por menor que fosse, e propus atividades lúdicas e práticas para manter o foco e o interesse.

Essas estratégias específicas se somaram a práticas aplicadas a toda a turma, como o uso de materiais manipuláveis, blocos lógicos, figuras geométricas, jogos didáticos.

Com o passar dos meses, os frutos desse trabalho começaram a aparecer. Os alunos com TEA, antes mais isolados, passaram a participar com mais frequência das



4º Congresso Brasileiro
de Ciência e Saberes
Multidisciplinares
**tudo é
ciência**
11º Encontro de Extensão
Universitária do UNIFOA

**23 a 25
de outubro**

Submissões abertas até 07/09

discussões e atividades coletivas. Aqueles com dislexia apresentaram avanços significativos na execução de cálculos e leitura de problemas, ganhando confiança em si mesmos. O aluno com TDAH, que no início tinha dificuldade de manter o foco, passou a demonstrar mais concentração e entusiasmo. Ainda mais inspirador foi perceber a transformação da turma como um todo: os colegas tornaram-se mais empáticos, compreensivos e dispostos a ajudar uns aos outros, compreendendo que aprender pode ser diferente para cada um — e tudo bem que seja assim.

A Matemática, frequentemente encarada como um obstáculo, tornou-se espaço de construção de identidade, autoestima e superação. Os ganhos não se restringiram ao desempenho acadêmico, mas envolveram também o desenvolvimento emocional, a socialização e o fortalecimento dos vínculos afetivos na sala de aula.

Essa experiência reafirma que ensinar com o coração não é uma metáfora romântica, mas uma escolha ética e profissional. Ser professora em um cenário de tanta diversidade demanda coragem, empatia e intencionalidade. É no cotidiano, nas atitudes simples e constantes, que a inclusão se concretiza. Quando o educador compreende que seu papel vai além da transmissão de conteúdos — que ele é um facilitador de sonhos, um mediador de oportunidades e um cultivador de esperanças —, o ato de ensinar ganha sentido e profundidade.

A vivência em sala de aula mostrou que a escuta, o afeto e o respeito à singularidade de cada aluno são tão importantes quanto qualquer estratégia metodológica. A verdadeira inclusão não está apenas nas políticas públicas ou nos documentos oficiais, mas na postura diária de quem acredita que ser humano de verdade é cuidar do outro, principalmente dentro do nosso trabalho como professor. Ensinar Matemática, nesse contexto, foi mais do que ensinar números — foi ensinar pertencimento, dignidade e a certeza de que todos, absolutamente todos, podem aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada ao longo deste relato comprova que ensinar com afeto, escuta ativa e intencionalidade pedagógica não é apenas uma virtude, mas uma



urgência dentro das salas de aula inclusivas. A Matemática, tradicionalmente vista por muitos como um obstáculo, revelou-se aqui como uma potente ferramenta de conexão, descoberta e superação quando mediada com sensibilidade e propósito.

Ao adotar práticas pedagógicas adaptadas às necessidades dos alunos com TEA, dislexia e TDAH — sem perder de vista o coletivo da turma — foi possível construir um ambiente onde cada estudante se sentiu visto, respeitado e capaz. O progresso foi visível não apenas nos resultados acadêmicos, como na autonomia para resolver problemas e na melhoria da participação oral, mas também no aspecto socioemocional: autoestima elevada, vínculos mais saudáveis e maior empatia entre os colegas.

O sucesso da experiência reforça a ideia de que a verdadeira inclusão acontece no cotidiano, nas escolhas do professor e na forma como ele enxerga e valoriza a singularidade de cada aluno. Não é necessário transformar a escola inteira para fazer a diferença — basta começar com uma escuta aberta, um planejamento responsivo e a certeza de que ensinar é, acima de tudo, um exercício de humanidade.

Para o próximo semestre, recomenda-se:

- Ampliar a formação docente continuada em educação inclusiva e neurodiversidade;
- Integrar mais recursos digitais acessíveis, como vídeos com legenda e plataformas interativas com opções visuais e auditivas;
- Envolver as famílias no processo de ensino-aprendizagem, fortalecendo a parceria entre escola e lar;
- Criar espaços de escuta para os próprios alunos, onde possam expressar suas dificuldades, avanços e sugestões;
- Documentar os avanços individuais, valorizando cada etapa da trajetória do estudante, para fortalecer a cultura da valorização do processo.



Finalizo com a certeza de que, quando ensinamos com o coração, a Matemática deixa de ser apenas números — e passa a ser linguagem de inclusão, ferramenta de transformação e caminho para a construção de uma escola mais justa, humana e possível para todos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que tornaram este trabalho possível. Primeiramente, agradeço a Deus, pela força, pela sabedoria e pelas bênçãos que recebo diariamente, que me permitem seguir a minha missão educacional com dedicação e amor. À minha família, em especial minha mãe Terezinha, meu pai Pedro, meu marido Rafael e meus filhos, Rafaela e João Miguel, meu mais sincero agradecimento, por todo o apoio, incentivo e compreensão ao longo desta jornada. Vocês são minha base e minha inspiração, e sem vocês, nada disso seria possível. Aos meus alunos, que participaram dos trabalhos durante o semestre, meu reconhecimento e apreço. Vocês foram fundamentais para o sucesso deste projeto, com sua participação ativa, curiosidade e dedicação. Aprendi muito com cada um de vocês, e sou grata pela oportunidade de compartilhar esse processo de aprendizagem. À Escola Municipal Paulo VI, pela oportunidade de trabalho. Sou grata por fazer parte desta equipe comprometida. A todos, meu muito obrigada!

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Salete Fábio. *Educação inclusiva e equidade: desafios contemporâneos*. São Paulo: Cortez, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. 27. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?* 15. ed. São Paulo: Moderna, 2021.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 21. ed. Campinas: Papirus, 2020.



4º Congresso Brasileiro
de Ciência e Saberes
Multidisciplinares

**tudo é
ciência**

11º Encontro de Extensão
Universitária do UNIOA

**23 a 25
de outubro**

👉 Submissões abertas até 07/09

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 2002.

SILVA, Luiz H. A. da. *Dificuldades de aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica*. Campinas: Autores Associados, 2012.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.